



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Dossiê

---

## A GRAMÁTICA DE CASTRO E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA FINS COMERCIAIS (1759)

---

Thadeu Vinícius Souza Teles <sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto estuda a institucionalização do ensino de língua inglesa em Portugal e na América Portuguesa, através da análise do compêndio *Grammatica Lusitano-Anglica & Lusitano-Anglica ou Grammatica Nova, Ingleza e Portuguesa, e Portuguesa e Ingleza* (1759), escrita por Jacob Castro e lançada em Londres em 1731. A necessidade da aprendizagem da língua inglesa se justificou diante do grande volume de transações comerciais mantidas entre portugueses e ingleses, especialmente após o Terremoto de Lisboa (1755), quando os sinais dos problemas econômicos e administrativos portugueses tornaram-se evidentes. As evidências de pesquisa indicam que tenha sido este o principal compêndio utilizado por um número significativo de comerciantes portugueses que pre-

cisavam da língua inglesa para seu exercício profissional. A partir de um suporte teórico que embasa a pesquisa, a presente reflexão se desenvolve sob a lente de Carvalho (1978), Howatt (1984), Oliveira (2006), Teles (2012) e Torre (1985). Desse modo, serão apresentadas e analisadas algumas representações de como este compêndio relacionou o ensino de língua inglesa e elementos comerciais em seus diálogos, textos e listas de verbos e palavras, incentivando a sistematização da língua inglesa como disciplina escolar em Portugal e, conseqüentemente, no Brasil.

### PALAVRAS-CHAVE

Língua Inglesa. Castro. Negociantes.

## ABSTRACT

This text examines the institutionalization of teaching English in Portugal and in the Portuguese America, through the analysis of the compendium *Grammatica Lusitano - Anglica & Lusitano - Anglica or Grammatica Nova Ingleza and Portugueza and Portugueza and Ingleza* (1759) written by Jacob Castro and released in London in 1731. The need of learning English language was justified on the large volume of commercial transactions conducted between Portuguese and English, especially after the Lisbon Earthquake (1755), when the signs of the Portuguese economic and administrative problems became evident. Research evidences indicate that this compendium has been the main textbook used by a significant number of Portuguese merchants who needed English language to their professional practice. This reflection is developed on the theoretical support of Carvalho (1978), Howatt (1984), Oliveira (2006), Teles (2012) and Torre (1985). Thus, some representations of how this compendium related to English language teaching and commercial elements in its dialogues, texts and lists of verbs and words will be presented and analyzed, encouraging the systematization of English as a school subject in Portugal and, consequently, in Brazil.

## KEYWORDS

English language; Castro; Businessmen.

## RESUMEN

Este texto estudia la institucionalización de la enseñanza de la lengua inglesa en Portugal y en la América Portuguesa, a través del análisis del libro de texto *Grammatica Lusitano-Anglica & Lusitano-Anglica ou Grammatica Nova, Ingleza e Portugueza, e Portugueza e Ingleza* (1759), escrita por Jacob Castro y lanzada en Londres en 1731. La necesidad del aprendizaje de la lengua inglesa se justificó a causa del gran volumen de transacciones comerciales mantenidas entre portugueses e ingleses, sobre todo después del Terremoto de Lisboa (1755), cuando las señales de los problemas económicos y administrativos portugueses se volvieron evidentes. Las evidencias de pesquisa indican que éste ha sido el principal libro de texto utilizado por un número significativo de comerciantes portugueses que les hacía falta la lengua inglesa para su ejercicio profesional. Desde un soporte teórico que fundamenta la pesquisa, esta reflexión se desarrolla bajo la visión de Carvalho (1978), Howatt (1984), Oliveira (2006), Teles (2012) e Torre (1985). De este modo, serán presentadas y analizadas algunas representaciones de cómo este libro de texto estuvo relacionado con la enseñanza de la lengua inglesa y los elementos comerciales en sus diálogos, textos y listas de verbos y palabras, incentivando la sistematización de la lengua inglesa como disciplina escolar en Portugal y, en consecuencia, en Brasil.

## PALABRAS-CLAVE

Lengua Inglesa. Castro. Negociantes.

## 1 INTRODUÇÃO

No conjunto do sistema de exploração colonial através das Grandes Navegações, pode-se afirmar que Portugal estabeleceu relações com vários parceiros comerciais, a exemplo de Itália, Escandinávia, Alemanha, Espanha, França e Holanda. Contudo, a relação econômica que mais se destacou foi a luso-britânica. Foram inúmeros os tratados comerciais firmados e ratificados entre Portugal e Inglaterra, diante da necessidade portuguesa de assegurar seus domínios no Ultramar.

Estudos históricos dão conta de que Portugal foi um dos primeiros a interessar-se pelo aprendizado da língua inglesa, especialmente em virtude do intenso comércio mantido com sua principal parceira comercial: a Inglaterra. Seguindo os reflexos do Iluminismo europeu e diante da necessidade de modernizar o Estado português, especialmente após o Terremoto de Lisboa (1755) quando os sinais dos problemas econômicos e administrativos portugueses tornaram-se evidentes, uma das primeiras medidas tomada através das Reformas Pombalinas da Instrução Pública foi a criação das Aulas de Comércio no Alvará de 19 de maio de 1759.

Nesse momento, havia a necessidade de incremento da receita para a reconstrução e modernização do Estado português. O principal responsável por implementar as Reformas da Instrução Pública foi o

Marquês de Pombal, o qual reconheceu a necessidade de capacitar os homens responsáveis por manter a principal atividade econômica portuguesa: o comércio, predominantemente mantido com a Inglaterra.

A fim de observar a manifestação do ensino de língua inglesa no contexto da instrução comercial portuguesa e de suas colônias, a análise de conteúdo de compêndios da época se fez indispensável tendo vista sua relevância como aliado na reconstrução historiográfica. Dentre os compêndios encontráveis da época, a *Grammatica Lusitano-Anglica & Anglica-Lusitanica ou Grammatica Nova, Ingleza e Portuguesa, e Portuguesa e Ingleza*, referenciada aqui como a Gramática de Castro, foi a que mais se destacou durante as pesquisas realizadas para a conclusão da dissertação de mestrado em Letras intitulada “O Papel do Ensino de Língua Inglesa na Formação do Perfeito Negociante (1759-1846)”.

A partir dos levantamentos bibliográficos realizados para a conclusão da referida dissertação, que se apoiou na proposta teórico-metodológica de Ginzburg (1986), esse trabalho apresenta um conjunto de análises desenvolvidas sobre a Gramática de Castro e seu uso para o ensino de língua inglesa para fins comerciais a tanto nas Aulas de Comércio quanto em aulas privadas a negociantes conforme sugere a “advertência” no prefácio da obra em tela.

## 2 A GRAMÁTICA DE CASTRO (1759)

Ainda anterior à produção dicionarística, a elaboração de textos gramaticais teve início ainda no século XVII com o contato ativo de Portugal com outras línguas centro-europeias. Para Auroux (1992, p. 46-47), em um contexto onde já existe uma tradição linguística, se estabelecem novas razões para a aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo esse mais um mo-

tivador para a gramatização<sup>2</sup>. No caso luso-britânico, interesses práticos como relações comerciais e políticas atuaram como catalisador do processo de grama-

<sup>2</sup> Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65).

tização bilíngue em Portugal. A longeva aliança entre Portugal e Inglaterra possivelmente viabilizou a publicação da primeira gramática de língua inglesa em Português. A *Grammatica Lusitano-Anglica & Anglica-Lusitanica ou Grammatica Nova, Ingleza e Portuguesa, e Portuguesa e Ingleza* foi lançada em Londres em 1751 como a primeira a se propor a ensinar Inglês e Português ao mesmo tempo, destinando-se sua primeira parte à “instrução dos Inglezes que desejarem alcançar o conhecimento da Lingua Portuguesa” e a segunda “para o uso dos Portuguezes que tiverem a mesma inclinação a Lingua Ingleza”.

A composição dessa gramática foi assinada por Jacob Castro, segundo Torre (1988, p. 43), muito provavelmente um judeu português que procurou em Londres refúgio contra as perseguições da Inquisição. Logo nas primeiras páginas de sua gramática, há um anúncio dos serviços de Castro intitulado “Advertencia”, onde se lê que o “Mestre e Traductor de ambas as Linguas” ensina, tanto em sua casa como “por fora”, a ler, escrever, contar, e livro de caixa pelo modo italiano em pouco tempo com método claro e “bem a provado no estilo Mercantil”. A edição mais antiga a que se teve acesso para esse trabalho foi a segunda edição, datada de 1751 e lançada em Londres, mas há registros de várias outras edições, a exemplo de sua quinta edição em 1770.<sup>3</sup>

O prefácio que abre a parte dessa gramática bilíngue dedicada ao ensino de Português intitulado “*To the Reader*” ocupa-se em sua grande parte de tentar provar a importância da língua portuguesa diante de seu “*great Use in Commerce*”. Através de uma retrospectiva histórica acerca da ascensão da língua portuguesa, ele desmente a ideia de que o Português seja filho do Espanhol, mas sim irmão, dado que ambos foram originados do Latim. A familiaridade com o Latim pode ser apontada como uma vantagem sugerida por Castro, uma vez que o Latim ainda ocupava lugar de destaque. Passando por uma descrição histórica da construção

da importância da língua portuguesa desde a ocupação romana até o século XV, o autor aponta o comércio português com outras partes da Europa e o número de terras conquistadas como razões para afastar a ideia do Português como uma língua bárbara.

O autor acrescenta ainda uma discussão sobre Espanhol, Francês e Português, comparando algumas particularidades, especialmente no que se refere à pronúncia, a exemplo da menor necessidade de demonstrações da pronúncia portuguesa para aprendizagem em relação à francesa, uma vez que, segundo Castro (1751, p. vi), o Português se pronuncia exatamente como se escreve. Para concluir, há um exposto interesse em reivindicar o lugar e afastar os preconceitos para com o Português, pois, para o autor, “a língua portuguesa apresenta uma mistura da seriedade espanhola e leveza francesa, além de ser útil ao comércio assim como o espanhol, e portanto igual (senão superior) a sua rival” (CASTRO, 1751, p. vii) (tradução do autor).<sup>4</sup>

Ainda como tentativa de valorizar a língua portuguesa, Castro observa a pronúncia de algumas letras, a exemplo do *j* e do *g*, como uma maneira de aproximar a língua portuguesa da atual padrão de nobreza europeu, a língua francesa. Para ele, os sons das referidas letras, quando pronunciadas na língua espanhola, resultavam em fonemas guturais, ao contrário do que acontecia com as línguas francesa e portuguesa. Desse modo, Castro (1751, p. v), lançando mão de seu conhecimento das demais línguas europeias em evidência, tentava desconstruir o equivocado juízo de valor dos homens da época, que distanciava a língua portuguesa das demais línguas dignas de estudo.

Durante a primeira parte dessa gramática, é possível encontrar, além das tradicionais vastas explicações detalhadas de itens lexicais e gramaticais – tais quais letras e sua pronúncia, acentos, partes do discurso, gênero, número e caso, artigos, substanti-

<sup>3</sup> Apesar de lançada em 1751, a versão que esse trabalho adotou para as primeiras análises foi a de 1759.

<sup>4</sup> “[...] Portuguese Tongue has a Mixture of the Spanish Gravity and French softness, and is useful in Commerce as the Spanish, and therefore equal (if not superior) to its Rival” (CASTRO, 1751, p. vii) (texto original).

vos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, conjunções, preposições, interjeições, ortografia e diálogos –, alguns excertos com menções abundantes a elementos comerciais, a exemplo do seguinte texto, utilizado para apresentar um modelo aproximado de pronúncia:

Tive a honra de duas de suas quinze e vinte do mês passado pello correo, e de 22 ditto pelo navio A. Captam J. Pellas quais recebi suas ordens de carregar por seu risco a Conta a bordo do primeiro bom navio, fazendo a viagem paro Amburgo 25 caixas de Açucares com 6. Caixas de brancos, e 50 rolos de Tabaco consignados aos seus amigos e Correspondentes os senhores A. B. e Companhia o que tudo a seu tempo sera puntualmente comprado. Pello Correo proximo passado remety a V. M. 2 letras de cambio, hua por 11. Esterl. 250 e outra por 320 ditto, das quaes depois de chagadas não duvido de devido comprimento; pella primeira occasiam avizarey a V. M. o necessario mais largamente (CASTRO, 1751, p. 7)

Dentre as listas de vocabulário encontradas na primeira parte da mesma gramática, observam-se na lista de substantivos diversos itens úteis à compreensão daqueles que recorriam a esse material para apoio de atividade comercial. Alocados em categorias como *De cousas; De tempo e sezóens; De terras e cidades; De mineras e pedras preciosas; De árvores, matas e fruitos; Dos animays em geral; De pássaros; De péixes; Do hómem, ao respeito de sua ydade e parentesco; De doenças e remedios; Dás afeiçoens dá mente e das auçoens e qualidades do homem; De edificios; De alfáyas; Da campanha; Das cóusas ecclesiasticas*, encontrando-se principalmente nesta última verbetes como “moeda dóuro, moeda de prata, moeda de cobre, crédito, dívida, caixa, caixeiro, homem de negocio, mercador e livro de caixa”, entre muitos outros. Na lista de verbos incluídos nessa sequência de vocabulários, observa-se uma categoria completamente dedicada ao comércio, intitulada *Do navegar e negocios de mercadores*. Aqui se encontram verbos como “embarcar, carregar, assegurar, fretar, navegar, estar dácordo, assinar, corresponder, carregar a conta, endossar, remeter, empenhar se”. (CASTRO, 1751, p. 191).

Chama a atenção observar os *Familiar Dialogues*<sup>5</sup>, ou seja, os diálogos apresentados como cotidianos para familiarizar os iniciantes com possíveis situações reais. Dentre os exemplos, encontram-se regularmente referências a valores morais, costumes e negócios, o que demonstra o alinhamento da obra com as ideias ilustradas que regiam as reformas pombalinas da instrução. Nos quinze diálogos familiares apresentados, Castro aproveita para fornecer modelos de conduta e de estilo de escrita que deveriam ser seguidos pelos iniciantes. Temas como cumprimentos, refeições, vestimentas, a língua portuguesa, clima, compras, jogos, viagem, câmbio e leis da Inglaterra aparecem nas conversações, sempre entre duas pessoas como era comum em uma prática de ensino observada nas aulas de catecismo, baseada em um jogo de perguntas e respostas.

No primeiro diálogo, intitulado “Alguns cumprimentos”, os personagens se cumprimentam e quando um deles pergunta ao outro sobre sua saúde, este responde “Múy bem, graças á Deos, para servir á V. M.” Ao despedirem-se, um deles apressa-se para partir e o outro pede-lhe que o aguarde, entretanto aquele o responde “Eu tornarey outra vez; agora não posso aguardar; a Deos, beijo as mãos de V. M.” (CASTRO, 1751, 202-203). Pode-se perceber, a partir dessas rápidas passagens, tanto a religiosidade como a subserviência presentes na sociedade portuguesa da época.

No segundo diálogo, chamado de “De alevantar e vestirse”, a situação gira em torno de uma personagem que perdeu a hora para acordar-se, pois estava muito cansado, para o que seu interlocutor retruca apressando-o e questionando “Não se lembra V. M. que tem negocios que fazer na bolsa?”. Em seguida, pode-se observar a intenção de Castro em listar as vestes ideais para os negócios dentro de falas como

5 Howatt (1984, p. 14) registrou um dos primeiro usos da expressão *Familiar Dialogues* no título do segundo livro do francês Jacques Bellot, lançado em 1586. Ao que seu título sugere, tratava-se de uma coletânea de conversações e diálogos do dia a dia destinados ao ensino de língua inglesa aos franceses refugiados na Inglaterra.

“Veste os calções e a casaca; e calça os çapatos” e “Tira dá caixa a gravata com punhos, e nam esqueça de pentear minha cabeléira”. Ainda há informações sobre acessórios como chapéu e lenço, além da preocupação com a assiduidade ao trabalho. No mesmo diálogo ainda aparece a alusão ao cuidado com a higiene em “Da cá agoa limpa para lavar as mãos, com huma toalha” (CASTRO, 1751, 203-206).

O terceiro diálogo tem como título *Of breakfasting*, que curiosamente foi traduzido ao lado como “De almoçar”. Durante este, observa-se menção a itens pertencentes ao tradicional café da manhã, a exemplo de pão, manteiga, queijo, e frutas como peras, maçãs e figos. São citados também carnes como vitela, carneiro, vaca, e bebidas, como café e vinho. Talvez com o intuito de prover mais exemplos de comestíveis, Castro deixou uma dúvida acerca de sua percepção de refeições do dia. Já no sexto diálogo, são descritos preparativos para o jantar. Nesse diálogo, os pratos e talheres são limpos e a mesa posta para servir uma sopa. Assim, os ingredientes e o modo de preparo deste prato são discutidos com comentários sobre os vegetais como nabos, cenouras, espinafre, além de outras opções para a janta como carneiros, rolas, patos, capões ou peixes (SANTOS, 2011, p. 1228).

O diálogo IV destaca a aprendizagem da língua portuguesa com o título “Para fallar Portuguez”. Nesse exemplo, o diálogo estabelecido entre um aprendiz do Português e outra personagem tem uma característica marcante de incentivo ao estudo de tal língua. O aprendiz ouve do falante que este teve notícias que têm aprendido a falar Português, ao que o aprendiz responde com “Posso dezir algumas palavras que tenho de cor”, esta sentença traz à lembrança o modo de aprendizagem comum entre os séculos XVIII e XIX de memorização de listas de palavras, verbos e frases. Todavia, durante o diálogo, enquanto o falante motiva o aprendiz, observa-se a indicação de prática da comunicação como reforço na aprendizagem:

Fallay sempre, bem ou mal, isto não importa nada; esta lingoa não he mui difficultosa [...] Nam lhe diz a V. M.

que ha mister fallar Portuguez? [...] V. M. não deve ser medroso; mas ha de fallar intrepidamente bem ou roim (mão.) (CASTRO, 1759, p. 209-210)

Para além da análise de cada um dos diálogos familiares, convém destacar nesse trabalho o destaque dado ao comércio nessa parte da gramática. A forte relação comercial entre Portugal e Inglaterra está representada ainda no trecho anterior, quando o falante exalta o saber da língua portuguesa, especialmente para os comerciantes, ao que o aprendiz inglês retruca: “Eu o sey, e que He mui útil em differentes partes dó mundo. Párticularmente a homens de negocio. O que seria eu ditoso se a soubera!” (CASTRO, 1751, p. 209).

A intenção de acompanhar aprendizes interessados no proceder a relações comerciais se justifica ainda no exemplo apresentado no quinto diálogo, “Do tempo”, no qual uma das personagens é convidada a ficar mais após um passeio, ao que a outra responde “Com licença de V. M., pois o negocio he muy preciso; para outra vez aceitarei o seu favor”, recusando uma proposta para o jantar em virtude de compromisso de negócios. Ainda mais uma vez observa-se o privilégio dado aos negócios em detrimento do lazer no sexto diálogo, “Do jantar”, no qual o visitante recusa o convite para passar a noite após um jantar, mas recebe frutas e outras comidas para a viagem de negócios que ele haverá de fazer (SANTOS, 2011, p. 1231).

Fazem referência mais vezes ao comércio os diálogos XII e XIII, pois se referem a viagens de negócios e mencionam o pagamento de dívidas. *About the exchange*, ou “Da bolsa”, é o título do diálogo XIV, que trata de termos mais específicos de comércio, a exemplo de câmbio e valores negociados com corretores:

A Donde vai V. M.? / A bolsa e peçoche de donde vem V. M.? / Venho de lá. / Ouvio V. M. algumas novas? / Não senhor, nada em particular. / Nada que seja remarcavel. / Como vai o cambio para Amsterdam oje? / Trinta e quatro soldos e quatro grossos. / Quem lhó

disse? / Meu corredór. / Se faz muito negócio oje? / Si, e se tem que fazer eu lhe aconselho que va de presa. / Pois a Deos senhor. / Sou seu servidor. Faça-me Mercé de dar meus beijamões em casa. / V. M. intenta sacar ou remeter? / Não estou ainda resolto ó que farei; digame: o cambio para Amsterdam parcelhe que subirá ou que baixará? / Fallam variavelmente nisto, porém ao parecer baixará. / Pode V. M. procurar-me algumas bóas letras de cámbio? / Inda agora me offercerão algumas de boa casa, e gente de boa reputação. / Eram as letras a vista ou usos? / Posso tér de hummãs ou de outras. / Quanto de corretagem lhe hei de dar? / V. M. sabe que o costume he hum outavo pór cento. / Eu quero negociar algumas letras; me aconselha? que mande estas letras a Amsterdam ó Hamburgo? / Não he feito cálculo nenhum ainda; lhó direy dáqui a pouco. / Dizem que o Senhor N. refusou pagamento. / Sim e muitas letras sacadas sobre elle se mandaram outra vez protestadas a Hollanda, pelo correo de ontem. / Me admiro, que hum homem que tinha bom negocio, e de bom character devesse tanto dinheiro. / Alguns dizem que faltóu é que não pode pagar cincoenta por cento. / Que lhes parece ao publico seja a razão? / Alguns imaginam que seu amigo e correspondente fora faltóu; outros dizem que jogou ou que sua mulher he muy extravagante. / Quando se ajuntarão seus acredores? / Tem já tomado possessão de todos seus effeitos e fazenda, e examinarão o balanço de seus livros a menhaã. / Espero que nosso amigo N. não tem perdido com elle. / Não, porque o sospitava já ha muito tempo e me lembra que muitas vezes tem recusado suas letras. / Sabe V. M. algum homem de credito que assegura sobre navios e fazendas? / Sim Senhor; se V. M. quer deixar seu negocio a mi, lhó far ei fazer á seu contento, e prémio moderado. / Quando he a venda dá companhia dá India? / Em quinze dias. / Estimo, por que então terey tempo bastante para executar a minha comissão, ante que os navios se ponham á vela (ou que partam.) (CASTRO, 1751, p. 234-237).

O último diálogo traz como tema as leis da Inglaterra. Com detalhes, são listados os tipos de leis inglesas, destacando a Lei Comum, a Lei do Estatuto, a Lei Civil e a Canônica. Enquanto se expõem as leis, são apresentados os privilégios de ser um cidadão inglês. Interessava aos comerciantes portugueses obter conhecimentos sobre a lei inglesa para facilitar os negócios. Assim como conhecer as leis, ter uma boa conduta, temor a Deus, ter boa apresentação pessoal, tratar o próximo com cordialidade, prezar pelos negócios e conhecer a

língua de seu parceiro comercial certamente faziam parte do projeto de perfeito negociante idealizado pelo Marquês de Pombal discutido anteriormente.

Na segunda parte deste compêndio, agora voltado para os iniciantes portugueses em língua inglesa, a estrutura gramatical é bem similar à de sua primeira parte. Todavia, de modo mais simplificado, o que se verifica pelo menor número de páginas e de listas de palavras. No caso dos diálogos, foram encontrados apenas cinco breves diálogos para principiantes sem temas e menos elaborados na edição analisada, os quais não mereceram atenção deste estudo. Contudo, seu prefácio reafirma seu objetivo e compromisso com a formação do perfeito negociante:

Sendo varias as Razoens, que renden ésta Obra util e necessaria; não farey mais que observar, ser para o Homem de Negocio, de absoluta importancia, para o curiozo Estudante de entretenimento e recreyo (CASTRO, 1751, p. ii).

O caráter utilitário e pragmático do ensino da língua inglesa pode ser observado através do número de textos presentes nas sessenta páginas finais do compêndio de Castro, a exemplo dos vários transcritos compilados, como modelo de cartas, procuração, recibo, letras de câmbio, entre outros. Constam no índice da supracitada gramática: Cartas sobre a Mercancia, ou Negocio; A Carta, ou Instrumento de Procuraçaõ; A Carta, ou Instrumento de Fretamento; Apólice de Seguro; O Instrumento, ou Escriptura de Compro; A Letra de Cambio; O Protesto de Huma Letra de Cambio; Varias formas de Recibos; Notas, ou obrigações, que faz hum homem quando toma dinheiro emprestado. Os modelos encontrados apresentam inclusive alguns espaços em branco para que possam ser preenchidos os dados pertinentes a cada situação, o que denota uma vez mais o interesse em servir pragmaticamente de auxílio às relações comerciais.

Os modelos de correspondências comerciais encontradas nessa gramática mostram o cuidado tido

pelo autor em prestar diversos exemplos coletados de viagens. As cartas comerciais, por exemplo, apresentam cuidadosamente cabeçalhos, rodapés, introduções e despedidas. Os textos estão apresentados em Português, em seguida em Inglês, para o que se

contam cinco exemplos de cartas comerciais, um bilhete, uma procuração, uma carta de fretamento, uma apólice de seguros, uma carta de conhecimento, uma de compromisso, três de câmbio, seis recibos e três notas de empréstimo de dinheiro.

### 3. PALAVRAS FINAIS

Diante do número de reedições, pode-se afirmar que a *Grammatica Lusitano-Anglica & Anglica-Lusitanica ou Grammatica Nova, Ingleza e Portuguesa, e Portuguesa e Ingleza* teve boa repercussão e foi usada largamente para o aprendizado tanto da língua inglesa por parte dos portugueses como de língua portuguesa por parte dos ingleses. Dentro do arsenal de compêndios disponíveis no período estudado, a Gramática de Castro teve sua representatividade destacada dentre as demais em função de sua longevidade e utilização, bem como por comprovar o ensino comercial como justificativa para o ensino de língua inglesa.

A Gramática de Castro foi desenvolvida por um professor de registro mercantil e, portanto, sem dúvidas, adotada por negociantes. Durante a análise de conteúdo desta gramática foi possível observar com

riqueza de detalhes a ênfase dada aos negócios em diferentes seções do compêndio, como na nota ao leitor, nas listas de verbos e palavras, nos diálogos familiares, nos textos para aperfeiçoamento da pronúncia e nos vários textos comerciais encontrados no anexo.

O volume das representações de como o referido compêndio relacionou o ensino de língua inglesa e elementos comerciais em seus recursos de ensino comprovam que estavam ali postas as primeiras evidências do início do ensino dessa língua para fins específicos, ainda na era considerada eclética ou pré-linguística. Ademais se pode ainda afirmar que, dessa maneira a sistematização da língua inglesa como disciplina escolar foi incentivada em Portugal e, conseqüentemente, na América Portuguesa, mais tarde conhecida como Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- CASTRO, Jacob. **Grammatica Anglo-Lusitanica & Lusitano-Anglica**: ou, Gramatica Nova, Ingleza e Portuguesa, e Portuguesa e Ingleza; dividida em duas partes. A primeira para a instrução dos Inglezes que desejarem alcançar o conhecimento da Lingua Portuguesa. A segunda, para o uso dos Portuguezes que tiverem a mesma inclinação a Lingua Ingleza. Das quaes a Primeira está corrigida e emendada, a segunda executada por Methodo claro, familiar, e facil. 3. ed. London: W. Meadows, 1759.
- HOWATT, A. P. R. **A History of English Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo (org). **A Legislação Pombalina sobre o Ensino de Línguas**: suas implicações na educação brasileira (1757-1827). Maceió: EDUFAL, 2010.
- PORTUGAL. **Collecção da Legislação Portuguesa desde a última compilação das ordenações oferecida a El Rei Nosso Senhor pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva**. Legislação de 1802 a 1810. Lisboa: na Typ. Maignrense, 1830.
- SANTOS, Elaine Maria. **A Leitura em Língua Inglesa e Valores Morais**. *In*: III SENALIC, 2011, São Cristóvão. Anais Eletrônicos do III Seminário Nacional Literatura e Cultura, 2011, v. 3. p. 1223-1238.
- TELES, Thadeu Vinícius Souza. **O Papel do Ensino de Língua Inglesa na Formação do Perfeito Negociante (1759-1846)**. Aracaju: 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe.
- TORRE, Manuel Gomes da. Elementos para a História das Relações Linguísticas entre Portugal e a Grã-Bretanha. *In*: **Estudos Ingleses**: ensaios sobre língua, literatura e cultura. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1998, pp. 213-230. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55128/2/gomesdatorreelementos000123933.pdf>>. Acesso em: 15 de mar. 2012.
- 1 O autor é Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e Professor Assistente do Departamento de Letras Inglês da Universidade Tiradentes. Este trabalho foi produzido a partir de bibliografia levantada durante a produção da dissertação "O Papel do Ensino de Língua Inglesa na Formação do Perfeito Negociante (1759-1846)" defendida em meados de 2012 em Aracaju-Sergipe, Brasil. E-mail: thadeuvinicius@hotmail.com